

Projeto Humanos: um estudo da utilização do jornalismo literário no formato podcast através do "Caso Evandro"

Ethiene Peixoto de Souza

Gabriel Torquato Oliveira Santos de Souza

Lara Araújo Cardoso Góes Barbosa

Lucas Barbosa Amorim da Silva

Marcos Uzel Pereira da Silva (orientador)¹

RESUMO

No ano de 2018, a quarta temporada do podcast Projeto Humanos foi lançada contando o Caso Evandro, um dos crimes de grande popularidade no início dos anos 1990 em Guaratuba, uma pequena cidade do Paraná, que envolveu o sequestro e a morte do menino Evandro, de seis anos na época. A partir da pesquisa exploratória, trazemos um breve panorama do surgimento e popularização do podcast no Brasil, seguindo da revisão bibliográfica sobre jornalismo literário, jornalismo investigativo e as teorias do jornalismo, e avaliamos quatro primeiros episódios, referentes à apresentação do caso no podcast. Os resultados obtidos na pesquisa tornam possível observar no podcast as características que definem os gêneros previamente abordados, confirmando o uso das estruturas do jornalismo literário e investigativo em seus episódios. Essas características são responsáveis por tornar a experiência do ouvinte atrativa, imersiva e interessante.

Palavras Chave: Podcast, Jornalismo Literário, Jornalismo Investigativo, Projeto Humanos, Caso Evandro.

¹ Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo entregue ao Centro Universitário Jorge Amado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

ABSTRACT

In 2018, the fourth season of the *Projeto Humanos* podcast was released telling Evandro's Case, a crime that gained great popularity in the early 90s in Guaratuba, a small town of Paraná, that involved the kidnapping and death of Evandro, a boy who was six years old at the time. From the exploratory research, we bring a brief overview of the emergence and popularization of the podcast in Brazil, followed by a literature review on literary journalism, investigative journalism and journalism theories, and we evaluate the first four episodes, referring to the presentation of the case in the podcast. Results obtained from the research allowed to observe in the podcast the characteristics that define genres previously mentioned, confirming the use of the structures of literary and investigative journalism in its episodes. These characteristics are responsible for making the listener's experience attractive, immersive and thought-provoking.

Keywords: Podcast, Narrative Journalism, Investigative Journalism, Projeto Humanos, Evandro's Case.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, o jornalismo se adaptou às tendências de sua época. Das prensas que deram início à comunicação de massa em 1900, a partir do início das grandes tiragens, à internet e às redes sociais digitais, que revolucionaram o consumo de notícias, o jornalismo sempre esteve em plataformas onde pudesse ser visto e, por consequência, alcançando mais pessoas.

A partir das evoluções tecnológicas e das mudanças sociocomportamentais, o jornalismo se adapta às plataformas e linguagens que o impulsionam. Para entender tais adaptações, iremos debruçar sobre a quarta temporada do podcast Projeto Humanos, como essa ferramenta de comunicação utiliza os recursos de linguagem do jornalismo literário, investigativo e storytelling² para construir suas narrativas.

² Storytelling é uma técnica de comunicação que utiliza narrativas para transmitir mensagens de uma maneira mais humanizada, envolvente e eficaz.

O surgimento do podcast está ligado à popularização do RSS³ — formato de distribuição de informação online —, que era utilizado para informar aos leitores sobre novos conteúdos em seus blogs e sites, como um feed de notícias. O termo podcast, que tem origem nas palavras *iPod* (reprodutor de áudio portátil) e *broadcasting* (transmissão de informação simultânea e em massa), surge para representar a disponibilização de conteúdos de áudio através do RSS.

Em 2019, alguns dos principais canais de comunicação de massa começaram a investir nessa nova plataforma. A Rede Globo, por exemplo, lançou nove podcasts, entre eles, *O Assunto*, que mais tarde viria a aparecer no *ranking* diário dos podcasts mais ouvidos do aplicativo para *iPhone*, *Apple Podcasts*, e do serviço de streaming *Spotify*, segundo dados da Triton Digital. Nesse momento, o podcast começa servir como uma nova possibilidade para o jornalismo brasileiro reinventar suas narrativas e levar ao público novas formas de consumir notícias. Com o universo de informações e estímulos disponíveis a todo instante na internet, os veículos precisam se manter no radar e, por isso, buscam se desenvolver nessas plataformas.

Considerando esses aspectos, o artigo propõe investigar como o formato podcast utiliza o jornalismo literário e investigativo como recurso de linguagem para construir suas narrativas, a partir do estudo de caso do podcast brasileiro “Projeto Humanos”, produzido pelo Anticast, idealizado pelo jornalista Ivan Mizanzuk. Desde a sua estreia em 2015, o podcast tem como principal objetivo trazer “histórias reais de pessoas reais”, como é divulgado no site do projeto. Trabalhamos mais precisamente a sua quarta temporada, que aborda ‘*O Caso Evandro*’, acontecido em Guaratuba, no litoral do Paraná, no ano de 1992, com o desaparecimento e assassinato do menino Evandro Ramos Caetano, de seis anos de idade.

Caso que ganhou grande projeção midiática graças à suposta motivação do crime — Evandro teria sido sacrificado em uma espécie de “ritual satânico”, como foi difundido na época — e às condições deploráveis nas quais o garoto foi encontrado: ele estava sem o couro cabeludo, os olhos; seu corpo estava sem as mãos e faltavam partes dos seus dedos dos pés. Os elementos do caso rapidamente ganharam todos os jornais do estado

³ Rich Site Summary ou Really Simple Syndication.

do Paraná e noticiários nacionais. Para realizar a temporada ‘*O caso Evandro*’, Mizanzuk levou três anos pesquisando e checando a veracidade dos materiais encontrados.

O empenho do jornalista em sua investigação e o sucesso do podcast foram os responsáveis por gerar interesse de produtoras de TV e editoras de livros em produzir novos conteúdos sobre o caso. A Globoplay, streaming da TV Globo, comprou os direitos do podcast para produzir uma série, tendo Ivan como entrevistado e consultor, com direito a divulgação para o grande público em propagandas no horário nobre da emissora. O caso também virou livro, escrito por Mizanzuk e publicado pela editora HarperCollins.

Ao estudarmos o Projeto Humanos, acreditamos que possa ser observado como as técnicas do jornalismo literário e investigativo são utilizadas em sua produção e como o programa se vale desses elementos para reinventar um formato e atribuir credibilidade ao produto final.

Tendo isso em vista, o artigo é realizado através de uma pesquisa exploratória qualitativa, a partir da revisão bibliográfica sobre o jornalismo literário, o jornalismo investigativo e as teorias do jornalismo — agenda setting, teoria construcionista e novo jornalismo —, por meio das obras de Nelson Traquina (2005), Felipe Pena (2007), Nilson Lage (2004), dentre outros. Selecionamos trechos através da decupagem dos quatro primeiros episódios da quarta temporada do podcast para identificar e destrinchar as teorias e técnicas estudadas presentes na construção narrativa do programa. Com o intuito de entender as lógicas por trás das convergências midiáticas que influenciam a popularização dos novos formatos, com foco no podcast, utilizamos a obra “*Cultura da Convergência*” do autor norte-americano Henry Jenkins (2009), que aborda, entre outros aspectos, elementos da cultura digital.

Esse processo busca compreender como o jornalismo literário, o jornalismo investigativo e as teorias do jornalismo, associados ao formato podcast, colaboram na construção e difusão do caso exposto de uma forma mais acessível e imersiva para o ouvinte.

O PODCAST E A PRÁTICA JORNALÍSTICA

Ao longo dos anos, vimos novos formatos de mídia e plataformas de compartilhamento surgirem e desaparecerem a todo instante. A internet é dinâmica, se transforma muito rápido e, aos olhos de um desatento, muitas mudanças podem passar despercebidas. No entanto, existem aqueles que se mantiveram tempo o suficiente para se desenvolver e conquistar o seu espaço no leque de possibilidades que é a internet. O formato podcast foi um dos que conseguiu conquistar seu espaço.

O termo *podcast* apareceu pela primeira vez em 2004, quando foi utilizado em uma matéria do jornal *The Guardian*⁴ que falava sobre como softwares e plataformas de blogging gratuitas, aliadas à mobilidade dos MP3 players, seriam “ingredientes para uma nova explosão de rádios amadoras”.

Ainda em 2004, surgiram os primeiros podcasts brasileiros, porém foi apenas a partir de 2006 que o formato começou a se popularizar de maneira semelhante à que conhecemos hoje em dia.

Em meados de 2006, com poucos remanescentes da “primeira geração” de podcasters ainda publicando, vários novos podcasts surgiram e a mídia voltou a ter um crescimento ainda modesto, mas já definindo as características de formato que o podcast brasileiro adotaria, inspirados nos programas de rádio voltados para jovens, que aliavam humor, técnica e mixagem de som, produzindo pautas leves e descompromissadas e trilha e efeitos sonoros que valorizavam a fala dos locutores. (LUIZ, 2009.)

Da mesma forma que ocorreu com os blogs, canais de Youtube, Instagram e outras plataformas, o podcast também passou por um processo de popularização e, conseqüentemente, profissionalização de seus produtores. Em 2008, a *podosfera*⁵ teve um boom de novos podcasts, que aconteceu um ano depois da introdução da categoria podcast no Prêmio *iBest*⁶, que premia profissionais e empresas do mercado digital.

Naquele momento, alguns podcasts, principalmente aqueles associados a portais de entretenimento e cultura pop, já monetizavam seus episódios. Um exemplo disso é o *Nerdcast*, podcast do portal Jovem Nerd, que foi um dos primeiros produtos no Brasil a elaborar um modelo de negócios voltado ao formato, permitindo aos criadores monetizar

⁴ A matéria "Audible Revolution", publicada em 2004 no jornal britânico *The Guardian*, trouxe uma entrevista com Christopher Lydon, ex-jornalista do *New York Times* que, naquele momento, experimentava o formato que viria a se tornar o podcast.

⁵ "Podosfera" é um termo popular que se refere à comunidade de podcasts/podcasters.

⁶ O Prêmio *iBest* é uma premiação anual oferecida aos profissionais e empresas do mercado digital.

os episódios através de spots pagos e episódios patrocinados. Segundo o Mídia Kit do portal, em 2011 o podcast alcançava em média 70.000 downloads na primeira semana de lançamento dos seus episódios. Ainda segundo o documento, até 2011, o portal já havia feito parcerias com empresas de renome nacional e internacional, como o McDonald's, Banco do Brasil, HSBC, SKOL e etc.

Segundo dados da Podpesquisa 2018⁷, 60,3% dos ouvintes começaram a consumir o formato entre 2013 e 2018. Esse número, no entanto, não representava uma grande entrada de novos ouvintes, visto que quando distribuídos anualmente neste período, a média de novos ouvintes se mantinha equilibrada em 12%. O grande momento de expansão do podcast no Brasil chegou em 2019, quando diversos veículos de comunicação resolveram investir na mídia. A Rede Globo, em agosto de 2019, lançou nove podcasts do seu setor de jornalismo, impulsionando o formato. Até 2021, a emissora investiu ainda mais no formato, contratando influencers para produzirem podcasts em suas plataformas e fazendo parcerias com produtoras já estabelecidas no mercado, como a B9. Segundo a pesquisa da Kantar Ibope, apresentada no AudioDay Globo⁸ 2021, em 2020 houve um aumento de 33% das pessoas que escutam podcast regularmente, em comparação à 2019.

Protagonista desse movimento da Globo, o jornalismo não é novidade na podosfera. Capaz de se adaptar e se adequar aos novos formatos, ferramentas e estilos que surgem, os jornalistas encontraram no podcast a oportunidade de apresentar conteúdo para uma nova plataforma, com a possibilidade de se aproximar do público e alcançar novos nichos, com conteúdos mais direcionados e uma abordagem mais humanizada, fazendo uso de uma linguagem mais pessoal, abrindo espaço para que o profissional possa dar opiniões, além de contar os fatos como se estivesse narrando uma história, uma abordagem que se assemelha à do jornalismo literário.

⁷ A Podpesquisa é uma iniciativa da Associação Brasileira de Podcasts, que tem como objetivo mapear os hábitos de consumo dos ouvintes brasileiros do formato.

⁸ Evento virtual da Globo publicado na GloboPlay sobre o mercado de podcasts.

JORNALISMO LITERÁRIO E INVESTIGATIVO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS

Quando falamos em reportagem, pressupomos o trabalho intrínseco de apuração e investigação. No entanto, o termo “jornalismo investigativo” é uma forma de descrever uma abordagem mais extensa, que exige, como o nome já sugere, um longo tempo de trabalho na investigação das informações por parte dos repórteres. Ele perpassa em todas as editoriais de um jornal, já que seu foco é pesquisar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade.

Sendo assim, o que caracteriza esta escola jornalística é o forte trabalho de pesquisa e apuração das informações, a fim de divulgar as ações das instituições governamentais ou de empresas privadas que sejam prejudiciais ao interesse público e afetem a sociedade, no formato estendido e narrativo de uma reportagem, seja esportes, economia até o noticiário local. Lage (2004, p. 139) vai dizer que “uma definição do ponto de vista ético, assegura que o jornalismo investigativo está demarcado como um esforço político da categoria profissional dos jornalistas para evidenciar casos de corrupção e injustiças sociais, descrevendo esses acontecimentos em linguagem jornalística”

Ainda nas escolas do jornalismo temos o jornalismo literário, um gênero formado através de uma conjunção de conhecimentos, saberes, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. A premissa é que o jornalismo literário é uma forma jornalística narrativa (SIMS; KRAMER, 1995 *apud* VIEIRA e SANTA CRUZ, 2020). Esta inquietação surge da necessidade constante de adaptação às novas tendências culturais e tecnológicas, o qual incentivou uma maior criatividade aos profissionais da área. Segundo Pena (2006, p.53) essa prática ou essa forma de expressão está relacionada à “insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor”

Assim, o Novo Jornalismo, movimento que nasce nos Estados Unidos na década de 1960, propõe uma nova gama de recursos para os jornalistas com a possibilidade de uma entrega que flerta com a narrativa literária, mas sempre se atendo às técnicas

tradicionais de reportagem — entrevistas, apuração, entre outros —, mas com características literárias que diferencia o texto dos demais e com características bem claras, como a imersão, o emprego de estruturas complexas no texto, a precisão, a voz autoral, a responsabilidade ética e a criação de sentidos de uma história, define Sims (2007 *apud* VIEIRA e SANTA CRUZ, 2020). Para Pena, o jornalismo literário também não se resume apenas a uma escrita criativa.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira. (PENA, 2007, p. 6).

Esse movimento de adaptação também acontece nos dias de hoje, onde os jornalistas precisam entender e mesclar os novos formatos com os modelos tradicionais de mídia, para inseri-los na dinâmica atual da comunicação e assim, transformar os formatos tradicionais, mas sem desclassificá-los.

O jornalismo e a literatura trazem em suas veias a ideia de contar uma história, no entanto o que difere os dois é a forma de narrar. A literatura parte do princípio que a narrativa possui enunciado que descreve um acontecimento ou uma sucessão dos mesmos a partir de um orador ou canal que atue como o contador da história, assim como no jornalismo que se mune de elementos que visam assegurar coerência à narrativa, a partir da divulgação de fatos e seus desdobramentos vistos como relevantes para o cotidiano. Martinez (2012, p.115) aponta que

o jornalista reconhece o papel fundamental que a locução e a sonorização têm no quadro, uma vez que ele está mais próximo da estrutura do conto no âmbito da literatura ou da peça radiofônica, com o planejamento dos efeitos sonoros em paralelo à construção da história, do que do radiojornalismo. (MARTINEZ, 2012, p.115)

O *storytelling* engloba isso. Quando se fala sobre o *storytelling*, ou a arte de contar histórias, aborda-se exatamente essa forma extensa e pessoal de narrar algo. É um tipo de

narrativa imersiva e próxima, gerando identificação, curiosidade e instigando a criatividade do jornalista enquanto narrador.

O PROJETO HUMANOS

O Projeto Humanos é um podcast jornalístico que tem como principal objetivo contar histórias reais de pessoas reais. Pioneiro no ramo, ele foi lançado em 2015, produzido pelo Anticast, tendo como idealizador Ivan Mizanzuk — escritor, produtor de podcasts e jornalista independente.

O programa explora o formato do *storytelling* atrelado a técnicas jornalísticas para produzir narrativas mais imersivas, gerando uma maior conexão com o público e atribuindo credibilidade ao seu produto, pois trabalha com relatos de fontes confiáveis e fatos atrelados aos temas. Na própria sinopse do projeto encontra-se a seguinte descrição:

Projeto Humanos é um podcast que busca explorar um formato ainda pouco explorado no Brasil, o *storytelling*, popularmente utilizado em podcasts dos EUA, tais como Radiolab, This American Life e Serial. É como se fosse um documentário em formato de áudio e distribuído na internet. Aproxima-se de práticas conhecidas no país como jornalismo narrativo e/ou literário.

Storytelling pode ser traduzido para o português como contação de histórias. É uma técnica utilizada para trabalhar narrativas, sejam reais ou ficcionais. De acordo com Karenine da Cunha e Paulo Mantello (2014, p. 58), “ao enfatizar a narração e a descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor [...] para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético.”

Pensando no conceito acima, para a construção da linguagem narrativa do Projeto Humanos (mais especificamente a temporada “Caso Evandro”), Mizanzuk toma como inspiração o podcast norte-americano *Serial*, programa de jornalismo investigativo, lançado em outubro de 2014 com apresentação de Sarah Koenig, desenvolvido pelo programa de rádio *The American Life* e agora também associado ao *The New York Times*.

No livro *The Serial Podcast and storytelling in the digital age*, Ellen McCracken vai dizer que “*Serial* criou um novo tipo de storytelling íntimo na era digital [...] lendo

dramaticamente o texto cuidadosamente produzido, liberando informação intrigante pedaço por pedaço, e deixando que eles ouçam seus diálogos privados com os protagonistas da história.” (MCCRACKEN, 2017, p. 1 *apud* VIEIRA e SANTA CRUZ, 2020). Tanto a quarta temporada do Projeto Humanos quanto o podcast *Serial* desenvolvem o gênero *True Crime*, que em português pode ser traduzido como crime verídico, onde a proposta é trabalhar em uma narrativa que contemple a veracidade dos fatos determinados pela história.

Atualmente o Projeto Humanos tem quatro temporadas. A primeira foi lançada em 2015, chamada “As Filhas da Guerra”, que narrou a história de Lili Jaffe, uma judia iugoslava sobrevivente do Holocausto. A segunda temporada, intitulada 'O Coração do Mundo', trouxe, em 2016, um mosaico de histórias que expunham experiências individuais de brasileiros e refugiados que se envolveram com os conflitos atuais no Oriente Médio. Através dessas histórias, os ouvintes podem ter uma melhor compreensão sobre a realidade e a geopolítica naquela parte do mundo, partindo desde o atentado contra as Torres Gêmeas em Nova York no dia 11 de Setembro de 2001 até a Guerra da Síria. A temporada 'O Que Faz um Herói?', terceira do programa, traz seis relatos isolados que exploram momentos de heroísmo realizados por pessoas comuns.

“O Caso Evandro”, abordado na quarta temporada do Projeto Humanos, foi o *case* de sucesso da equipe. Com seu primeiro episódio lançado em 2018, a temporada abordou a história das “Bruxas de Guaratuba”, um dos casos criminais mais chocantes da história do estado do Paraná e do Brasil. O crime ocorreu no litoral do Paraná, em 1992, e ganhou projeção após o desaparecimento e assassinato do menino Evandro Ramos Caetano, de seis anos de idade. Para construir essa temporada, que contou 36 episódios, Mizanzuk passou cerca de três anos pesquisando e checando a veracidade dos materiais encontrados, sendo que o último foi lançado em novembro de 2020.

O CASO EVANDRO

Antes de se aprofundar no estudo acerca do Projeto Humanos, acreditamos ser necessário fazer uma contextualização do caso que dá nome à quarta temporada do podcast, nosso objeto de pesquisa. Para isso, trataremos um resumo do que foi o Caso Evandro e como o crime repercutiu na época, usando como referência os quatro episódios

do nosso recorte, o conteúdo disponibilizado no site do Projeto Humanos e reportagens sobre o assunto.

Em 1992, o estado do Paraná registrou um aumento atípico nos casos de desaparecimento de crianças por todo seu território. No entanto, um deles, registrado na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná, teve repercussão nacional. O grande mistério em torno do sumiço de Evandro Ramos Caetano, de apenas seis anos. O desaparecimento aconteceu no caminho entre a escola municipal Olga da Silveira e a casa do menino, que ficava a apenas 100 metros de distância, no bairro Cohapar. De acordo com os autos, Evandro teria saído do colégio onde passava a manhã com a mãe, Maria Caetano, que também era funcionária da instituição, para buscar um videogame que tinha ganhado dias antes. Infelizmente, Evandro nunca chegou a pegar o aparelho, que foi encontrado por sua mãe no mesmo lugar onde foi deixado antes de sair.

Cinco dias depois, um corpo foi encontrado por um lenhador que passava pela região. Em estado avançado de decomposição, a estrutura física estava em uma região de mata fechada na cidade e chamou a atenção dos investigadores pois encontrava-se sem as mãos, os olhos, o couro cabeludo, sem alguns dedos dos pés, sem uma parte da coxa esquerda, com o ventre aberto e sem os órgãos internos. As condições horríveis na qual o corpo foi encontrado dificultaram a identificação por parte da perícia e levantaram a suspeita de que o crime pudesse ter sido parte de um “ritual satânico”, como foi amplamente divulgado na época.

Segundo Maria Caetano, a identificação só foi possível após Ademir Caetano, pai do menino, reconhecer uma marca de nascença que o garoto tinha nas costas. Além disso, houve outros indicativos como o calção branco estampado idêntico ao que Evandro usava no dia de seu desaparecimento e a chave da casa da família, que estava em um local de destaque, próximo de onde o corpo foi encontrado, de acordo com a delegada do grupo TIGRE, Leila Bertolini, responsável pela investigação do caso.

O caso, que até então era tratado como um desaparecimento, passou a ser visto como um homicídio, e depois de três meses de investigações, três homens confessaram que mataram o menino Evandro, em um ritual que teria sido encomendado pela então primeira dama Celina Abagge, esposa de Aldo Abagge, prefeito da cidade, entre 1989 e 1992 pelo Partido Liberal. Os homens eram Osvaldo Marcineiro, Vicente de Paula e Davi dos Santos Soares. Em uma fita cassete divulgada na imprensa, Celina Abagge e Beatriz

Abagge confessaram que sacrificaram o menino com o objetivo de abrir os caminhos da fortuna e da política para a família Abagge. De acordo com os cinco, o ritual teria ocorrido na serraria Abagge, nos arredores de Guaratuba.

Para além do choque que as confissões causaram na imprensa, outro fator acabou por tumultuar a situação: quem realizou as prisões não foi o grupo TIGRE, responsável pela ocorrência, mas sim o grupo ÁGUIA, grupo pertencente à Polícia Militar do Paraná. Isso levantou suspeitas quanto à legalidade da investigação, visto que o grupo TIGRE não foi informado da transferência do caso e, portanto, ocorreram duas investigações paralelas.

À época, os acusados do desaparecimento e assassinato de Evandro Caetano alegaram que foram torturados pelo grupo ÁGUIA, responsáveis pelas prisões. Em 2021, a série “O Caso Evandro”, derivada da pesquisa feita por Mizanzuk, autor do podcast Projeto Humanos, revelou fitas da época das apreensões que provam que os acusados pelo crime foram, de fato, torturados.

1.1. REPERCUSSÃO E SENSACIONALISMO

Os elementos e peculiaridades do crime entregam com fartura materiais para uma extensa e delicada cobertura jornalística, dentre eles se destaca a suspeita do envolvimento da primeira dama e sua filha no suposto desaparecimento, que fez com que rapidamente o caso ganhasse destaque em todos os jornais do estado do Paraná, tendo como combustível a revolta da população.

Os jornais da época foram os principais responsáveis por popularizar a história do crime e, de certa forma, direcionar a opinião pública. Através das manchetes tendenciosas, e muitas vezes sensacionalistas, o caso das Bruxas de Guaratuba ganhou projeção nacional. Alguns dos jornais da época estampavam manchetes como “Bruxos Serão Soltos em Praça Pública”⁹, “A Confissão dos Satânicos”¹⁰, entre outras, que incentivaram a disseminação da narrativa do “ritual satânico” e de “magia negra”, que foi um dos fomentadores de episódios como o apedrejamento da casa do prefeito Aldo Abagge e uma série de manifestações a fim de expressar o descontentamento e revolta

⁹ Manchete de Capa do Jornal Diário Popular.

¹⁰ Primeira página do Jornal Diário Popular, anunciando a confissão e apedrejamento da casa dos Abagge.

dos moradores de Guaratuba. Uma das séries de reportagens sobre o fato, intitulada “As Bruxas de Guaratuba”, de Vania Mara Welte, repórter do jornal curitibano Hora H, chegou a ser laureada em 1996 com Prêmio Esso de Jornalismo.

Além disso, personalidades conhecidas na região ajudaram a manter o caso no imaginário popular, como o apresentador Luiz Carlos Alborghetti — que através dos seus comentários ácidos e opiniões controversas ajudou a formar a opinião pública sobre o ocorrido — e Mauro Baruque, que apresentava o programa de TV Jogo Limpo, na TV Independência, que promoveu diversos debates entre peças envolvidas no julgamento e investigação, anos depois do caso.

PROJETO HUMANOS E JORNALISMO: IMERSÃO E CREDIBILIDADE

O Projeto Humanos foi um marco na podosfera brasileira, principalmente a sua quarta temporada, o Caso Evandro. A popularidade que o podcast alcançou, ao longo dos 36 episódios que compõem a quarta temporada, foi responsável por gerar uma comunidade de fãs, que fielmente aguardaram o lançamento dos episódios e que participaram de discussões online sobre o caso, formando um novo tipo de conteúdo, levantando teorias e até chegando a possíveis novos desdobramentos. Isso leva a “inteligência coletiva” que abarca esse contexto onde pessoas que não participaram da construção do produto criam novos tipos de informações acerca dele. Segundo Jenkins (2009, pg. 88), “o que consolida uma inteligência coletiva não é a posse do conhecimento – que é relativamente estática –, mas o processo social de aquisição do conhecimento – que é dinâmico e participativo –, continuamente testando e reafirmando os laços sociais do grupo social”. Essa popularidade gera a transmidialidade, um fenômeno que, parafraseando Jenkins, gera um conteúdo multiplataforma, adaptado para diferentes contextos históricos, públicos e plataformas. Como por exemplo, essa popularidade foi responsável por transformar a temporada em um livro, publicado pela HarperCollins Brasil, e também em uma série documental lançada pela GloboPlay em 13 de maio de 2021.

Acreditamos que a forma como o caso é narrado — com elementos e técnicas já existentes no jornalismo literário e investigativo —, aliado ao *storytelling*, a apuração e o

levantamento de materiais coletados por Mizanzuk é capaz de construir uma linguagem própria e cativante, que envolve os ouvintes e gera comunidades online que discutem o podcast e o caso em si.

As escolas jornalísticas têm em seus pilares pontos de interseção de conceitos e isso fica claro quando observamos o jornalismo literário e o jornalismo investigativo. Seleccionamos as características que acreditamos serem essenciais na construção de um produto jornalístico que se vale dessas técnicas.

Em relação ao jornalismo literário, suas principais características contemplam uma ampla visão da realidade, a potencialização dos recursos jornalísticos, a imersão do repórter na realidade, a voz autoral, a precisão de dados e informações, o uso de símbolos inclusive metáforas, o exercício da cidadania e uma profundidade nos relatos. (SIMS; KRAMER, 2007 apud VIEIRA e SANTA CRUZ, 2020).

De acordo com Nilson Lage, o jornalismo investigativo tem como principais características uma sólida pesquisa por parte do repórter, um trabalho profundo de apuração das informações e a divulgação de informações de grande interesse através de reportagens.

Partindo deste entendimento acerca das características das escolas selecionadas para a investigação do objeto de estudo, partimos agora a uma identificação desses aspectos dentro do podcast a fim de entender como a aplicação dessas estruturas tem um impacto em sua construção narrativa e em sua credibilidade enquanto material jornalístico.

Ao analisar criticamente, a partir dos conceitos apresentados, a primeira parte do podcast, composta dos quatro primeiros episódios, pudemos perceber as características elencadas acima permeando toda a narrativa. O podcast se propõe a fazer uso dessas ferramentas para construir sua história, por isso desde o primeiro segundo do primeiro episódio podemos perceber pontos a serem abordados.

Já no aviso inicial, reproduzido em todos os episódios, é possível perceber um trabalho ético, transpassando eficiência na apuração e credibilidade.

Este programa descreve cenas fortes e não é recomendável para pessoas sensíveis. Todas as pessoas aqui citadas tiveram seus nomes retirados de documentos públicos, autos de processos e matérias que saíram na imprensa,

respeitando a vontade daqueles que se recusaram em conceder entrevistas quando os contatamos. Caso algum dos citados sinta-se desconfortável e deseje o direito de resposta favor enviar e-mail para contato@projeto humanos.com.br¹¹

Nos primeiros minutos do primeiro episódio, Ivan Mizanzuk não apenas apresenta a voz autoral no seu conteúdo, dando personalidade ao tema, como tenta promover uma universalização de narrativa, recurso utilizado no jornalismo literário para fazer com que o consumidor do produto se identifique e comece a imergir na história, partindo de simbolismos conhecidos por quase todas as crianças.

Antes de começar, eu gostaria de pedir que você faça algo por mim. Eu quero que você pare um pouco e tente lembrar de alguma vez que você viu uma foto sua de quando você era criança. Provavelmente seus pais mostraram essa foto e falaram “olha aqui, esse aqui é você quando você ainda era bebê” ou algo do tipo. Agora eu quero que você imagine que você está me mostrando essa foto e você me diz que é você pequeno ou pequena e eu te desafio: eu digo “prove que é você” e você me diz “olha, meus pais estão aqui do lado são eles eu digo “pode ser outra criança” e você me leva seus pais eles dizem a mesma coisa e eu desafio eles eu digo de novo “me prove”. E aí? Como que vocês me provariam?¹²

Dentro do jornalismo investigativo um dos pontos de maior importância é uma apuração profunda e bem feita, para obter sempre a veracidade dos fatos, para manter a credibilidade do veículo e para transmitir ao espectador a versão mais real do ocorrido. Em todo o programa podemos perceber um trabalho de apuração muito bem feito e focado em detalhes. Um exemplo é no segundo episódio, quando ele entrevista a jornalista Mônica Santana.

Eu sou Mônica Guimarães Santana, mais conhecida como Mônica Santana. Eu sou jornalista de formação e empresária de comunicação. [...] Naquela época, quando a gente trabalhava, fazia a reportagem policial, todos nós tínhamos um bip que era linkado diretamente na central da polícia e a gente fazia uma espécie de boletim. [...] Eu fazia meio que uma separação, nem todo crime interessava, nem toda história. E aí foi dado como desaparecido de uma criança e aí a gente fez a matéria do desaparecimento da criança, mas entrou no canal comum que era esse bip. Fui checar, ver quem era, descí, fui falar com a família

¹¹ Trecho retirado do aviso inicial que aparece em todos os episódios da quarta temporada do Projeto Humanos.

¹² Trecho retirado do primeiro episódio da quarta temporada do Projeto Humanos.

e tal, a princípio tratamos com um desaparecimento de uma criança e deu-se como se fosse uma matéria de serviço que a gente chamava¹³

Exercer a cidadania é um dos alicerces do jornalismo e dentro da modalidade literária exercita essa função através do narrador, que se propõe a ir montando a história expondo fatos e contradições nos discursos, fazendo uma análise para chegar a um entendimento do caso. No episódio três podemos ver isso no momento em que Ivan está explicando que para podermos opinar em determinado tema, precisamos conhecer o contexto da época:

[...] Em primeiro lugar, enquanto o estado do Paraná vendia uma imagem de que nenhum caso criminal notório havia ficado sem solução, aumentava o clima de pânico em segurança geral no que concerne às notícias de crianças que vinham desaparecendo. As exigências ao governador Roberto Requião eram constantes e isso quase custou alguns cargos na época, entre eles o do próprio Secretário de Segurança Pública Moacir Favetti, portanto quanto antes algum caso se resolvesse logo melhor seria [...]¹⁴

Quanto mais nos aprofundamos no estudo do jornalismo literário dentro do Projeto Humanos, mais percebemos o uso dessas técnicas para tornar essa uma narrativa mais fluida e imersiva. É quase como se os acontecimentos estivesse à nossa frente e isso só é possível por conta da qualidade do produto. Desde as técnicas utilizadas para montagem de roteiro e narrativa, do trabalho aprofundado e bem elaborado de apuração, e o uso bem feito do storytelling.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise, foi possível observar que o podcast contempla todos os elementos que apresentamos ao longo do texto. Ao nos aprofundarmos no estudo do jornalismo literário, relacionando-o à construção de narrativas em podcasts, podemos perceber o quanto ambos se complementam. Tendo em vista os aspectos estudados neste artigo, fica claro que o Projeto Humanos, dentro do recorte proposto, não apenas utiliza técnicas do

¹³ Trecho retirado do segundo episódio da quarta temporada do Projeto Humanos.

¹⁴ Trecho retirado do terceiro episódio da quarta temporada do Projeto Humanos.

jornalismo em geral em sua construção, mas especificamente as características do jornalismo literário e investigativo.

Desde a concepção do que seria a temporada do “Caso Evandro”, à construção de roteiro, a forma como foi gravado, a preocupação com o ouvinte e com as pessoas envolvidas, a promoção da universalidade da narrativa, a neutralidade na apresentação dos eventos, até a responsabilidade do produto com a veracidade dos fatos, podemos perceber concordâncias. Toda a história foi contada de uma forma que o ouvinte se sentisse imerso, para que ficasse curioso, tenso e sentisse tudo que a situação causou, quase como se estivesse presenciando o ocorrido.

A questão da congruência dos elementos percebidos no podcast com os alicerces das escolas jornalísticas citadas vai para além de serem simplesmente possíveis referências disponíveis ao autor do produto. É uma manifestação, um lembrete de uma outra questão acerca do campo jornalístico.

O jornalismo e seus fundamentos sempre encontram asas para alçar voo e executar a sua proposta em novos âmbitos, de novas formas e em novos lugares. O jornalismo não se limita, não encontra-se preso, encarnado nas linhas do jornal impresso ou dos estúdios televisivos, essas são apenas formas as quais encontramos para expressá-lo. O empenho na produção e veiculação de questões de interesse público é fruto de um processo histórico.

Evidente que a relação entre a premissa, conteúdo e o formato sempre dará uma nova vida para a questão, mas o fundamento da missão jornalística não se limita aos formatos tradicionais, bem como a formato algum. O fim desses meios de certo marcaria uma ruptura, uma mudança na forma de se transmitir o conteúdo, entretanto jamais o fim do jornalismo. As plataformas de veiculação tradicionais são, de certo modo, um meio, não um fim. O jornalismo é, afinal, a consequência de um processo social, enraizado firmemente dentro da mentalidade de cada um de nós.

A partir desse estudo, também ficou claro o quanto o podcast tem o potencial de mesclar as técnicas do jornalismo literário com as suas especificidades, propondo uma experiência mais íntima ao ouvinte, permitindo a conexão e imersão do consumidor, sem abrir mão dos critérios de noticiabilidade e da responsabilidade com o fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS

AUDIÊNCIA de podcasts no Brasil registra aumento de 33% em ano de pandemia. [S. l.], 25 ago. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/audiencia-de-podcast-cresce-33-em-ano-de-pandemia.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.

COMANDADO por Renata Lo Prete, ‘O Assunto’ completa um ano como o podcast mais baixado da América Latina. [S. l.], 25 ago. 2020. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/g1/textos/comandado-por-renata-lo-prete-o-assunto-completa-um-ano-como-o-podcast-mais-baixado-da-america-latina/>. Acesso em: 17 maio 2021.

CORREIA, João Carlos. **O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público.** *Revista de Comunicação e Linguagens*, v. 27, p. 193-212, 2000.

ENCICLOPÉDIA do caso Evandro. [S. l.], 2018. Disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/wiki/>. Acesso em: 17 maio 2021.

JOVEM Nerd Mídia Kit 2011. [S. l.], 2011. Disponível em: https://web.archive.org/web/20111223112656/http://www.ftpidigital.com.br/portifolios/midiakit_jovemnerd.pdf. Acesso em: 17 maio 2021.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

LUIZ, Lucio. **Podcasters Brasileiros: Uma “Comunidade” em Busca de Visibilidade:** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, [s. l.], 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0075-1.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada.** *Estudos em Jornalismo e Mídia*. v.6, n.1, pp. 71-83, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>>. Acesso em 16 mar 2020.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Revista Contracampo, n. 17, p. 43-58, 2007.

VIEIRA, Adriana Barsotti; SANTA CRUZ, Lúcia. Jornalismo literário em podcasts. **Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 2020.